

## EPÍLOGO

Em algum lugar fora do contínuo do tempo

**F**<sup>RIO.</sup>  
Uma leve brisa.

Sobre as águas, o corpo de Denyel flutuava. Não sentia nada a seus pés. Nem sequer sentia *os seus pés*. Estava tonto, completamente desorientado.

Seguia arrastado pela correnteza. Sorvia o ar com dificuldade.

Dor. Sangue.

Estava ferido, e a natureza mística do rio Oceanus o impedia de se regenerar.

*Sirith, seu filho da puta!*

Por quantos dias, meses ou anos Denyel esteve a boiar era e sempre seria um mistério. Levado pelas marolas, ele cruzara planos e dimensões, lugares ocultos e extraordinários, onde o tempo transcorria diferente, o que em tese poderia lançá-lo através do contínuo, direto ao futuro ou mesmo ao passado.

Casualidade ou não, aconteceu que certa hora as ondas o empurraram à praia.

*Mas que praia?*

Abriu os olhos. Nevoeiro.

Lá longe, escutou o som de um berrante. Uma corneta, talvez. Cascos de cavalo.

Esforçou-se para se levantar. Não conseguiu. Fraco demais. Rolou para o lado. Ficou de barriga para cima.

O céu.

No horizonte, avistou supostas montanhas. Sobre elas, nuvens. Sobre as nuvens, torres.

Onde estava?

*Frio.*

Súbito, um objeto pontudo o cutucou. Só podia ser Sirith, deduziu, o diabo que os traíra, que despencara com ele ao redemoinho de Athea.

Denyel sabia que precisava agir, contra-atacar depressa e com energia, dar o troco naquele vigarista. Reuniu as poucas forças que ainda tinha e se moveu. Segurou a haste com firmeza e a puxou de encontro ao peito — era uma *lança*. Ergueu-se do solo e, usando a arma como bastão, passou uma rasteira no oponente. Acertou-lhe os calcanhares e a figura tombou. O querubim a ameaçou com a ponta na garganta.

Mas não era Sirith.

Era uma mulher. Ou seria uma deusa? Loura. De longos cabelos ondulados, pele clara, o corpo blindado por uma armadura metálica.

— Quem é você? — o exilado estava possesso, e a voz saiu rouca. — Que lugar maldito é este? — A guerreira de melenas douradas não respondeu, apenas o encarou com uma expressão de desafio. Então ele pressionou o fio da lança e repetiu com dureza: — Onde eu estou?

— Meu nome é Hildir, capitã das valquírias — as palavras foram ditas com orgulho. — Diga *você* agora quem é e por que invadiu nossas terras.

— Hildir? — O anjo tossiu. Escarrou uma nódoa de sangue. — Não conheço. — E insistiu: — Onde estou? — rosnou. — Onde *diabos* eu estou?

— Esta é a face norte dos portões de Valhala — ela se dobrou. Os olhos azuis brilhavam ao sol do poente. — E você está no reino de Asgard.

— Asgard? — Denyel olhou para cima. Nas alturas, flutuava um palácio. — Essa não. Por que será que eu não morro nunca? — Largou a lança, ficou zozzo novamente. Sentiu as pernas bambas. — Que merda. Não era para ser assim. — E completou, antes de desmaiar: — Eu preciso de uma cerveja.